



**“Há movimentos de paz que podem emanar ondas até mesmo mais fortes do que as ondas de violência”**

**N**os últimos tempos, muito tem se falado sobre a implementação de uma 'cultura de paz'. No entanto, existem muitas definições de 'paz' (ou 'pazes'). Que distinções são essas?

A primeira distinção, que era mais comum nos estudos de Relações Internacionais, era: paz é ausência de guerra. Na verdade, a paz era apenas um momento entre duas guerras. Não existia paz. Posteriormente, a ideia que surgiu é a paz como ausência de violência. Ou seja, existem violências. A guerra é um tipo de violência, talvez a maior, mas há outras formas. Isso já muda muito [a compreensão sobre a paz]. O [Francis] Galton, que é um estudioso muito importante, começou a avaliar diferentes tipos de violência. Por exemplo, há a violência cultural, a violência estrutural e a violência física. Ele fala que se uma mulher apanhou, é uma violência física. Se isso ocorre em âmbito muito maior, é uma violência estrutural, pois as pessoas já estão acostumadas a isso, e implica na violência cultural - que dá força à estrutural. Em qualquer tipo de violência, há a ideia de existir um maior e outro menor, ou seja, de uma pessoa que pode mais do que a outra. Após ele fazer a divisão dos tipos de violência, passou a entender a paz.

**E como é a compreensão da cultura de paz?**

A cultura de paz objetiva criar lógicas às quais as pessoas não estão acostumadas em todos os ambientes. Uma das lógicas fundamentais para a cultura de paz é a lógica do diálogo. Na verdade,

as pessoas não estão acostumadas a ouvir o outro, mas querem vencer pelo argumento. O diálogo seria ter empatia pelo outro e ouvi-lo, não só por causa do que ele está falando, mas principalmente por causa das necessidades dele. A procura do diálogo é um instrumento fundamental. Há ferramentas de diálogo, como mediação, círculos de diálogo - que retomam lógicas tribais, da Nova Zelândia, da Austrália - que tentam resgatar o sentimento de diálogo comunitário. Uma vítima não é uma vítima única. Um ofensor não é um ofensor único. Ele ofendeu uma comunidade e também pode ser vítima dela. A comunidade tem de pensar sobre isso.

**Muito se fala que a sociedade atual é marcada por 'fronteiras', sejam elas visíveis ou invisíveis. O senhor, por sua vez, cunhou o termo 'fronteiretas' para expressar características desse cenário. Qual o significado dessa palavra?**

'Fronteireta' é uma piada minha. É uma ligação com a micareta. Assim como a micareta é um Carnaval fora de época, a fronteireta é uma fronteira fora de época, ou fora de lugar. Por exemplo, um condomínio de luxo é uma fronteira fora de lugar. O condomínio de luxo representa o desejo de separar uma sociedade ideal, que tem posses, de uma outra, que não tem. Isso evoca aquela música do Caetano Veloso, que fala que "o Haiti é aqui" e que há "quase pretos", "quase brancos". Ou seja, o rapaz que mora na favela do outro lado do condomínio de luxo é o mesmo que trabalha no condomínio de luxo. Então, há fronteiras que

*Pós-doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), o professor Paulo Kuhlmann leciona na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Palestrante do III Seminário de Relações Internacionais, promovido pela Asces, Kuhlmann foi entrevistado pela revista Pano de Fundo. Considerando as múltiplas barreiras que estão sendo erguidas na sociedade contemporânea, o professor destaca a necessidade de implementar uma cultura de paz, que siga lógicas distintas das predominantes atualmente.*

são criadas por nós, mas não são reais. Essas fronteiras são sociais, estruturais, de tal forma que muitas vezes não conseguimos enxergá-las.

***A Educação seria, portanto, uma forma de garantir ‘lentes’ para que as pessoas pudessem enxergar essas fronteiras?***

Sim. Às vezes, as crianças podem ver a violência que não costumavam ver em casa. E elas também podem ver paz. Algumas escolas estão tendo iniciativa de ensinar mediação, meditação, respiração ou ioga para as crianças. Assim, elas chegam mais calmas à casa e não apanham dos pais. Assim, os pais buscam saber porque elas estão mais calmas. E a educação pode construir uma cultura de paz de diversas maneiras. Uma maneira que acho fundamental é valorizando as pessoas, seja pela arte, pela ioga ou pelo esporte. Quanto ao esporte, vale salientar que a visão não pode ser competitiva. Se não, o aluno pode entender que é certo dar um soco no estômago do jogador do time adversário para ganhar a partida. Isso é o contrário do ensinamento que uma cultura de paz pode oferecer. Então, acho que é fundamental pensar mais sobre a implantação de uma cultura de paz na escola.

***Os educadores, às vezes, reclamam, dizendo que a educação precisa nadar contra a maré, inclusive a midiática. Em outras palavras, a escola ensina uma coisa e a mídia ensina outra. O senhor também identifica a existência desse fenômeno?***

Na verdade, acho que existem vários fatores que “nadam contra”. Porém, acho que a gente pode imaginar a criação de estruturas que funcionem como

‘ondas’. Ou seja, é como se fosse possível emanar coisas diferentes. Para mim, a mídia emana ondas negativas a todo momento, mas a gente pode criar movimentos. Em minha opinião, Gandhi criou movimentos de paz, movimentos de não-violência. Martin Luther King fez a mesma coisa. A gente às vezes não percebe é que após a morte de Luther King, e os negros estavam destruindo as cidades norte-americanas, o cantor negro James Brown - aquele que canta ‘I feel good’ - conseguiu estruturar a paz nos Estados Unidos. Durante os shows dele, ele dizia que o Martin Luther King não iria gostar de ver aquilo que estava sendo feito. Quando isso é transmitido via nacional, as comunidades negras param com o propósito de ouvir o show desse cara. Há movimentos de paz que

*“E a educação pode construir uma cultura de paz de diversas maneiras. Uma maneira que acho fundamental é valorizando as pessoas”,  
Paulo Kuhlmann*



Foto: Leonardo Gomes

podem emanar ondas até mesmo mais fortes do que as ondas de violência. Eu tenho essa impressão, ou, pelo menos, essa esperança.

***E qual é o papel do Estado neste processo? A segurança do Estado coincide com a segurança do indivíduo?***

O Estado pode ser tanto o maior garantidor, quanto o que mais retira a segurança. O Estado também pode cometer atrocidades. Assim, o cidadão precisa cobrar eficiência do Estado no que diz respeito à segurança. Não se pode esperar que só o Estado a garanta. As comunidades devem gerar segurança, há propostas para isso. O Estado é uma parte - talvez uma grande parte - da segurança. Que o Estado é importante, é, mas cabe ao indivíduo cobrar do Estado. Porém, não adianta o cidadão simplesmente delatar os bandidos para a polícia. O cidadão tem um peso maior neste jogo. Ele pode construir 'bolhas de paz', ou pelo esporte, pela cultura ou pela arte. Até mesmo por artes marciais que construam respeito pelo outro.

***Inclusive, o sociólogo Zygmunt Bauman fala acerca dessa insegurança, no livro 'Vida Líquida'. Ele salienta que as noções de civilidade e barbárie foram invertidas. Se, anteriormente, as cidades eram cercadas por muros, para que os cidadãos se sentissem protegidos dos ataques externos, atualmente as fontes de perigo estão dentro dos limites da própria cidade. Então, diante desses pensamentos, é possível afirmar que o antídoto para uma sociedade baseada no medo e na insegurança não seria o combate à violência, mas a criação de uma nova alternativa?***

O problema é esse. Não se pode pensar a paz simplesmente para acabar a vio-

***“O Estado pode ser tanto o maior garantidor, quanto o que mais retira a segurança. O Estado também pode cometer atrocidades”, Paulo Kuhlmann***

lência. É preciso construir a paz. Os primeiros estudiosos de paz queriam acabar com a guerra. Atualmente, a ideia não é mais essa. A ideia é construir paz. Para isso, é necessário criar instrumentos de paz. Por exemplo, quando as mulheres ficam com as cadeiras nas ruas, conversando sobre o que está acontecendo na vizinhança, elas estão criando paz, porque são 'os olhos' da cidade. Há lógicas que são ínfimas, mas criam espaços de paz.

***Outro ponto é a internet. Os chamados 'haters' disseminam ódio nas mídias sociais. Existe alternativa de solução para isso também?***

Há uma ideia na filosofia de Espinoza que as pessoas estão acostumadas a transmitir afetos tristes - bronca, insegurança, violência, raiva, crítica. A ideia é estimular as pessoas a transmitir afetos alegres. As pessoas não estão mais acostumadas a fazer isso. Eu acho que isso é uma forma de agir, um costume. É preciso que este julgamento pessoal seja feito pelos usuários da internet. ■